

Sem acordo, Medeiros é um peso a menos

L. C. MARANHÃO
Correspondente

Rio — A inviabilidade de uma coligação com o PTB sepulta o sonho do ex-governador Leonel Brizola de resgatar a Unidade Trabalhista, mas livra o presidente do PDT das dores de cabeça que fatalmente teria com a resistência dos sindicalistas do seu partido à indicação do presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Luiz Antonio Medeiros, como companheiro de chapa.

De qualquer modo, Brizola terá Medeiros a seu lado como peça importante na frente paulista, aliciando votos no meio sindical. Tanto o sindicalista, quanto o candidato, negam a existência de

acordo que resulte na indicação do presidente do Sindicato dos Metalúrgicos para o Ministério do Trabalho, na eventualidade de uma vitória de Brizola no pleito de novembro.

“Não somos contra as alianças político-partidárias que fortaleçam o painel de apoio de forças políticas na disputa pelo Planalto”, esclarece o secretário de Mobilização da Secretaria Sindical do PDT, Paulo Roberto Gomes Silveira. “Mas não assimilariamos em hipótese nenhuma o Medeiros como vice na chapa de Brizola”, acrescenta. “Ele é o que existe de pior no sindicalismo brasileiro”, completa Ronald Barata, ex-presidente do inquieto Sindicato dos Bancários do Rio e secretário-geral da executiva re-

gional da CUT, central sindical que vem sendo questionada com dureza por Brizola.

Os sindicalistas do PDT estão abrigados na CUT. Este partido reconheceu a central como a que representa os trabalhadores na sua luta. Mas as trocas de farpas entre o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, e Leonel Brizola não soaram bem à CUT. Afastando-a do candidato do PDT.

No Rio de Janeiro, militantes e ativistas sindicais ligados ao PDT chegam a contabilizar 30 por cento dos postos de direção da CUT, um percentual que pode ainda ser aplicado para a correlação de forças nacionais no interior desta central, hegemônica pelo PT de Lula.